

Meg Wolitzer

A MULHER

Tradução  
*Raquel Dutra Lopes*

teorema



## Capítulo 1

No momento em que decidi deixá-lo, no momento em que pensei, *chega*, sobrevoávamos o oceano a mais de dez mil metros de altitude, precipitávamo-nos em frente mas com a ilusão de imobilidade e tranquilidade. *Tal como o nosso casamento*, poderia eu ter dito, mas porque haveria de dar já cabo de tudo? Ali íamos, no esplendor da primeira classe, provisoriamente separados da ansiedade; não havia turbulência e o céu estava limpo e era possível que houvesse algures entre nós um agente de segurança a fazer-se passar por um viajante sem importância, talvez a debicar de um pires de frutos secos ou cativado pela prosa insípida da revista da companhia. Tinham-nos servido bebidas antes da descolagem e estávamos os dois francamente emborrachados, de boca entreaberta e cabeça inclinada para trás. Mulheres fardadas percorriam os corredores para um lado e para o outro, a carregarem cestinhos como se constituíssem uma frota sexualizada de Capuchinhos Vermelhos.

– Aceita umas bolachas, Mr. Castleman? – perguntou-lhe uma morena, a inclinar-se com uma pinça na mão e, quando os seios dela deslizaram para a frente e depois recuaram, vi

o antigo mecanismo de excitação a começar a girar dentro dele como um amolador de facas, uma visão a que tinha assistido milhares de vezes ao longo de todas aquelas décadas. – Mrs. Castleman? – perguntou-me então a mulher, por acréscimo, mas eu declinei. Dela, eu não queria bolachas, nem o que quer que fosse.

Íamos a caminho do fim do casamento, rumo ao momento em que eu poderia finalmente arrancar a ficha da tomada, virar costas ao marido com o qual vivera ano após ano. Íamos a caminho de Helsínquia, na Finlândia, um sítio em que ninguém pensa a menos que esteja a ouvir Sibelius, deitado nas lajes quentes e molhadas de uma sauna ou a comer uma pratinha de rena. Tinham-nos servido biscoitos, decantado bebidas e, à minha volta, ecrãs de vídeo já estavam arqueados e inclinados. Naquela altura, no avião, ninguém estava obcecado com a morte, como todos tínhamos estado antes quando, envolvidos pelo trauma da atropada, do fedor a combustível e do bramido distante do coro das Fúrias dos motores, toda a carga de mentes – das Classes Económica, Executiva e Os Raros Eleitos – se tornara uníssona e instara o avião a levantar voo como uma audiência a desejar que a colher de um *médium* se dobrasse.

É claro que essa colher se dobrava sempre, com a ponta a pender como uma tília de corola pesada. E, se bem que os aviões *nem sempre* levantassem voo, naquela noite aquele levantou. Mães distribuíram livros de atividades e pequenos pacotes de *Cheerios* com sedimentos empoeirados no fundo; homens de negócios abriram computadores portáteis e esperaram que os ecrãs vacilantes estabilizassem. Caso se encontrasse a bordo, o fantasma do agente de segurança comeu

e ajustou a arma por baixo de uma pequena manta quadrada de fibra sintética cheia de eletricidade estática, o nosso avião elevou-se até ficar suspenso no céu à altitude necessária, e eu finalmente decidi, com toda a certeza, que deixaria o meu marido. Definitivamente. De certeza. Absoluta. Os nossos três filhos já se tinham ido embora, embora, embora; e eu não ia mudar de ideias, não ia acobardar-me.

De repente, ele olhou para mim, fitou-me e perguntou:

– O que se passa? Pareces um bocado... qualquer coisa.

– Não. Não é nada – disse-lhe. – Nada de que valha a pena falar agora, seja como for – o que ele considerou uma resposta satisfatória, regressando ao seu prato de bolachas com pepitas de chocolate, com um pequeno arrotto a inflar-lhe as bochechas como se ele fosse um sapo, só por um instante. Era difícil perturbar aquele homem; tinha tudo o que alguma vez poderia precisar.

Era Joseph Castleman, um daqueles homens que são donos do mundo. Sabem a que tipo me refiro: aqueles que se anunciam a si mesmos, aqueles gigantes sonâmbulos que vagueiam pela Terra e derrubam outros homens, mulheres, móveis, aldeias. Porque haveriam de se importar? São donos de tudo, dos mares e das montanhas, dos vulcões convulsos, dos rios delicados e agitados. Há muitas variedades deste tipo de homem: Joe era a versão do escritor, um romancista baixo, tenso, de barriga flácida, que quase nunca dormia, que adorava consumir queijos moles, *whisky* e vinho, usando todos estes como veículo para empurrar os comprimidos que impediam os lípidos do seu sangue de se depositarem como gordura no fundo de uma panela usada, que era tão interessante como qualquer outra pessoa que eu alguma tivesse conhecido, que

não fazia ideia de como poderia cuidar de si mesmo ou de qualquer outra pessoa, e que ia buscar muito do seu estilo ao *Manual de Higiene Pessoal e Bons Modos de Dylan Thomas*.

Seguia ao meu lado, no voo 702 da Finnair e, sempre que a morena lhe levava alguma coisa, ele aceitava, todas as bolachas e frutos secos fumados, um par de chinelos esponjosos descartáveis e uma toalha fumegante enrolada com tanta pressão como se fosse a Tora. Se aquela mulher voluptuosa que lhe levava bolachas se tivesse despido da cintura para cima para lhe oferecer um dos seios, enfiando-lhe o mamilo na boca com a autoridade de uma comandante da organização La Leche, ele teria aceitado sem fazer a mais pequena pergunta.

Por norma, os homens que são donos do mundo têm uma sexualidade hiperativa, ainda que não necessariamente com as suas mulheres. Nos anos 1960, eu e Joe saltávamos para a cama a toda a hora, por vezes até durante momentos mais parados de festas, barricando a porta do quarto de alguém antes de escarmos montanhas de casacos. Haveria gente a bater à porta, a querer recuperar o casaco, e nós ríamo-nos e fazíamos sinais para que o outro se calasse enquanto tentávamos puxar fechos e ajeitar roupas antes de deixarmos entrar quem estivesse do outro lado.

Já não fazíamos isso há muito tempo, se bem que quem nos visse naquele avião rumo à Finlândia assumisse que estávamos satisfeitos, que à noite ainda tocávamos em partes ensonadas dos corpos um do outro.

– Ouve, queres mais uma almofada? – perguntou-me ele.

– Não, detesto essas almofadas de boneca – disse-lhe.

– Oh, e não te esqueças de esticar as pernas como recomendou o Dr. Krentz.

Quem olhasse para nós – Joan e Joe Castleman, de Weathermill, Nova Iorque e, presentemente, nos lugares 3A e 3B – saberia exatamente *por que razão* estávamos a viajar para a Finlândia. Talvez até nos invejasse – a ele, por toda a energia guardada a vácuo naquele corpo volumoso e deteriorado, a mim pelo acesso que lhe tinha, vinte e quatro horas por dia, como se um marido-escritor famoso e genial fosse uma loja de conveniência para a sua mulher, um lugar onde ela pudesse dar um pulinho a qualquer hora para um Mega Trago de intelecto, engenho e excitação impressionantes.

As pessoas costumavam pensar que éramos um «bom» casal e suponho que tenha havido uma altura, há muito, muito tempo, quando as pinturas rupestres das paredes rochosas de Lascaux começaram a ser esboçadas, quando a Terra não estava ainda mapeada e tudo parecia esperançoso, em que isso tenha sido verdade. Mas depressa passámos da glória e do amor próprio de qualquer casal jovem para o pântano de algas verdes que é delicadamente conhecido como «idade avançada». Embora eu agora tenha sessenta e quatro anos e seja basicamente tão invisível para os homens como um remoinho de poeira, em tempos fui uma loura magra de peito grande com uma certa timidez que atraiu Joe na minha direção como se ele fosse uma galinha hipnotizada.

Não tenho ilusões; Joe *sempre* se sentiu atraído por mulheres, de todos os tipos, desde o momento em que entrou no mundo em 1930, através do túnel de vento do canal de parto de Lorna Castleman, a sogra que nunca conheci, que era obesa, sentimentalmente poética e possessiva, e amava o filho com a exclusividade de uma amante. (Alguns dos homens que são donos do mundo, por outro lado, foram *ignorados* durante

a infância – deixados sem sanduíches em tristes pátios de escola.)

Não era apenas Lorna que o adorava, mas o mesmo acontecia com as duas irmãs dela, com quem partilhavam o apartamento de Brooklyn, juntamente com a avó de Joe, Mims, uma mulher com a constituição física de uma banqueta, cujo feito que a elevava à fama era o de preparar uma «carne assada dos demónios». O pai de Joe, Martin, um homem perpetuamente suspiroso e inútil, morreu de ataque cardíaco na sua sapataria quando o filho tinha sete anos, deixando-o prisioneiro daquela peculiar civilização feminina.

A forma como lhe contaram que o pai tinha morrido foi típica. Joe acabava de chegar a casa vindo da escola e, como a porta do apartamento estava destrancada, entrou. Mais ninguém se encontrava em casa, o que era invulgar num lar que parecia conter sempre uma ou outra mulher, curvada e atarefada como uma fada dos bosques. Joe sentou-se à mesa da cozinha e comeu o bolo amarelo do lanche daquela maneira aluada e distraída das crianças, que o deixou com uma constelação de migalhas nos lábios e no queixo.

Passado pouco, a porta do apartamento voltou a abrir-se e as mulheres sucederam-se. Joe ouviu choro, o ruído enfático de narizes a serem assoados e depois viu-as aparecerem na cozinha, rodeando a mesa. Tinham os rostos inflamados, os olhos raiados de sangue, os penteados que elaboravam tão cuidadosamente, desfeitos. Algo sério tinha acontecido, percebeu ele, com uma sensação dramática a apoderar-se de si, quase agradável ao início, mas apenas ao início.

Lorna Castleman ajoelhou-se ao lado da cadeira do filho, como se estivesse prestes a pedir-lhe a mão em casamento.

– Oh, meu pequenino corajoso – disse ela num sussurro rouco, ao mesmo tempo que encostava o dedo aos lábios dele para lhe tirar migalhas –, agora somos só nós.

E *eram* só eles, as mulheres e o rapaz, que ficou completamente por conta própria naquele mundo feminino. A tia Lois era uma hipocondríaca que passava os dias na companhia de uma enciclopédia médica, a aprender os nomes sensuais de doenças. A sugestiva tia Viv tinha uma obsessão perpétua por homens, sempre a virar-se para revelar uma porção branca de costas expostas por um fecho-éclair entreaberto. A minúscula e antiquíssima avó Mims encontrava-se no meio de tudo aquilo, a comandante da cozinha, que arrancava o termómetro da carne de um assado com um gesto triunfal, como se da *Excalibur* se tratasse.

A Joe restava deambular pelo apartamento como um sobrevivente de um naufrágio que nem sequer recordava, em busca de outros sobreviventes amnésicos. Mas não havia; era só *ele*, o adorador menino que a seu tempo cresceria e se tornaria um desses traidores, um desses ratos ensopados em água-de-colónia. Lorna fora traída pela morte precoce do marido, que chegara sem preâmbulo ou aviso. A tia Lois fora traída pela sua própria ausência de sensação, pelo facto de nunca ter sentido o que quer que fosse por homem algum exceto, de longe, por Clark Gable, com os seus ombros largos e orelhas de abano fáceis-de-agarrar-durante-o-sexo. A tia Viv fora traída por legiões de homens – homens indolentes, sensuais, provocadores que telefonavam para a casa a toda a hora, ou que lhe escreviam cartas do estrangeiro, de onde quer que se encontrassem destacados.

As mulheres que rodeavam Joe estavam *furiosas* com os homens, insistiam, mas também insistiam que ele se encontrava

isento dessa fúria. Ele mal era um homem ainda, aquele rapazinho animado com genitais que pareciam fruta de maçapão e caracóis escuros e efeminados, que começara a ler precocemente e que, de súbito, desde que o pai morrera, perdera a capacidade de dormir à noite. Dava voltas na cama durante algum tempo, a tentar ter pensamentos tranquilizantes acerca de *baseball* ou das páginas lustrosas e agradáveis de livros aos quadradinhos, mas acabava sempre a imaginar o pai, Martin, em pé numa nuvem no céu e com uma expressão triste a segurar um par de sapatos rasos de duas cores ainda aninhados na caixa.

Finalmente, por volta da meia-noite, Joe cedia à insónia, levantava-se e ia até à sala de jantar escurecida, entretendo-se sozinho com um jogo da bugalha no meio do tapete de juta. Durante o dia, sentava-se no mesmo tapete, aos pés das mulheres que descalçavam os sapatos de salto alto. Enquanto lhes ouvia as sagas tristes e sobrepostas, tinha noção de que, de alguma maneira tácita, era o rei do galinheiro, e assim seria sempre.

Quando enfim se libertou do lar, deu por si tanto enormemente aliviado como completamente educado. Já sabia algumas coisas acerca das mulheres: dos seus suspiros, das suas roupas interiores, das suas misérias mensais, da sua busca por chocolate, dos seus comentários acutilantes, dos seus finíssimos rolos cor-de-rosa para o cabelo, da passagem do tempo pelos seus corpos, que ele vira sem perder pormenor algum. Seria isso que o esperaria caso um dia se apaixonasse por uma mulher. Seria obrigado a vê-la alterar, mudar e definhar ao longo do tempo; não teria a menor capacidade de o impedir. Claro, ela poderia ser desejável agora mas, um dia, não

passaria de alguém que daria carne assada. Por isso, Joe optou por *esquecer* o que sabia, por fingir que esse conhecimento nunca lhe penetrara a cabeça pequena e perfeita, e deixou este pequeno espetáculo feminino e entrou no comboio que range e leva gente dos distritos menos importantes para o caos emocionante do único que realmente conta: Staten Island.

Estou só a brincar.

Manhattan, 1948. Joe emerge dos eflúvios do metro e passa pelos portões da Universidade de Columbia, onde conhece outros rapazes intelectuais e líricos. Decidindo estudar Literatura Inglesa, junta-se ao pessoal de uma revista literária universitária e logo publica um conto acerca de uma velhota que recorda a sua vida numa aldeia russa (batatas bichosas, dedos dos pés gelados, etc., etc.). A história é ridícula e está mal escrita, como os críticos virão a comentar quando esquadriharem os caixotes dos seus textos juvenis. Ainda assim, alguns insistirão que a *exuberância* da ficção de Joe Castleman já se encontrava em ação. Ele treme de excitação, adora a sua nova vida, gosta do prazer febril de ir com amigos da faculdade ao Palácio Ling, em Chinatown, e ingerir os seus primeiros camarões em molho de soja – os primeiros camarões que alguma vez tinha comido fosse como fosse, já que nada que vivesse numa concha havia até então passado pelos lábios de Joe Castleman.

Esses lábios também recebem os lábios e a língua da sua primeira parceira e, pouco depois, a virgindade é-lhe retirada com a precisão de uma extração dentária. A agente que procede à operação é uma rapariga carente mas enérgica chamada Bonnie Lamp, que frequenta a Barnard College, onde, segundo Joe e os amigos, obteve uma bolsa de estudo por

mérito em ninfomania. Joe deixa-se deslumbrar por Bonnie Lamp e os seus olhos de corça, bem como pelo incrível ato das relações sexuais. E, por associação, deslumbra-se por si mesmo. Afinal, porque não haveria de se sentir assim? Todos os outros estão deslumbrados.

Quando faz amor com Bonnie, entrando e saindo lentamente, fica impressionado com a forma como as partes entrosadas emitem pequenos *cliques* rítmicos, como os saltos altos de uma secretária a caminhar ao longe sobre linóleo. Também fica encantado com os sons independentes que Bonnie Lamp emite. Enquanto dorme, ela parece miar como um gatinho, e ele observa-a com uma estranha mescla de ternura e condescendência, imaginando que sonha com um novelo de lã, um pires de leite.

*Um novelo de lã, um pires de leite, e vós*, pensa ele, apaixonado por palavras, por mulheres. Os corpos maleáveis delas fascinam-no – todas aquelas curvas e floreados. O seu próprio corpo fascina-o na mesma medida, e quando o companheiro de casa não está, Joe desce o espelho do prego na parede e observa-se demoradamente: o peito com a nuvem esparsa de pelo preto, o tronco, o pénis surpreendentemente grande para uma pessoa tão baixa e enxuta.

Imagina a sua própria circuncisão, tantos anos antes, vê-se a debater-se nos braços de um barbudo desconhecido, a aceitar um mindinho grosso mergulhado em vinho *kosher* e a sugá-lo desenfreadamente em busca de um fluido inexistente, encontrando antes apenas uma superfície franzida sem uma fonte de leite oculta. Mas, nessa imagem, o vinho doce a descer-lhe pela goela entontece-o, apaga todos os rostos orgulhosos à sua volta. Os seus olhos de oito dias de idade fecham-se, abrem-se,

fecham-se de novo e, dezoito anos depois, ele desperta, um homem feito.

O tempo passa para Joe Castleman, que permanece na Universidade de Columbia para se licenciar e, durante este período, há uma mudança no ambiente. Não se trata apenas da passagem das estações, ou o crescimento contínuo de novos edifícios, com os seus andaimes a criarem padrões entrecruzados. Nem se resume às pequenas reuniões socialistas a que Joe assiste, embora deteste juntar-se, pois não suporta fazer parte de um grupo, nem sequer por uma causa em que acredite, como aquela, sentar-se com um ar sério de pernas cruzadas na alcatifa bolorenta de alguém e limitar-se a escutar, a absorver informação, sem oferecer o que quer que seja de seu. E não é somente a batida cada vez mais forte da boémia do início da década de 1950 que leva Joe até uns quantos bares estreitos e pouco iluminados, onde ele desenvolve um gosto imediato por fumar erva, que o acompanhará por toda a vida. Passa-se mais que o mundo está verdadeiramente a abrir-se para ele, como uma ostra, e ele caminha para dentro, toca hesitantemente nas cristas suaves da cavidade, recebe o banho seco da luz prateada.

Houve alturas, durante o nosso casamento, em que Joe parecia ignorar o seu poder e essas foram aquelas em que ele esteve no seu melhor. Quando chegou à meia-idade, era grande, vagaroso e descontraído, andava com uma camisola bege de pescador que nunca lhe disfarçou a barriga, limitando-se a acolhê-la com indulgência, a deixá-la balançar quando ele andava, quando entrava em salas de estar, restaurantes ou salas de conferências, quando aparecia nos Armazéns Schuyler na nossa terra de Weathermill, Nova Iorque,

para comprar uma nova fornada de *Sno-Balls* da Hostess, essas cúpulas de *marshmallow* cor-de-rosa, polvilhadas de coco e completamente artificiais em que ele era viciado, por algum motivo inexplicável.

Imagine-se Joe Castleman nos Schuyler numa tarde de sábado, a adquirir um novo pacote de celofane dos seus doces preferidos e a dar palmadinhas benignas no cão artrítico da loja.

– Boas, Joe – diria o próprio Schuyler, velho e magro com olhos azuis como porcelana, sempre lacrimejantes. – Como vai o trabalho?

– Oh. Esforço-me ao máximo, Schuyler, vale o que vale – respondia Joe com um suspiro profundo. – O que não é muito.

Ele sempre dominou muito bem a aparência de insegurança. Teve um aspeto vulnerável e atormentado durante grande parte dos anos cinquenta, sessenta, setenta, oitenta e na primeira metade dos noventa, quer estivesse bêbedo, quer não, quer recebesse críticas más ou favoráveis, quer fosse banido ou adorado. Mas qual seria ao certo a fonte do seu tormento? Ao contrário do seu velho amigo, o eminente romancista Lev Bresner, sobrevivente do Holocausto e cronista diligente de uma tenra infância passada como prisioneiro num campo de concentração, Joe não tinha quem culpar em específico. Lev, de olhos reluzentes e profundos, deveria ter recebido o Prémio Nobel da Tristeza, em vez do da Literatura. (Ainda que eu sempre tenha admirado Lev Bresner, nunca achei que os seus romances fossem tão bons como se dizia. Admitir isto em voz alta, por exemplo num jantar entre amigos, seria equivalente a alguém que se levantasse para declarar: «Gosto de chupar

meninos pequenos.») É o tema de Lev, não a sua escrita, o que nos faz recuar e estremecer, temendo virar a página.

O tormento de Lev é autêntico; há muito tempo, quando eu e Joe recebíamos gente com frequência, ele e a mulher, Tosha, passavam o fim de semana em nossa casa e ele deitava-se no sofá da sala com um saco de gelo na cabeça e eu dizia *chui* aos nossos filhos, que levavam os brinquedos barulhentos para fora da sala, a boneca que tagarelava as suas declarações de amor, o pequeno *cocker spaniel* de madeira que matraqueava quando era puxado por um cordel.

– O Lev precisa de sossego – dizia-lhes. – Vão lá para cima, meninas. Vai, David, tu também.

As crianças demoravam-se um pouco mais ao começo das escadas, imóveis, assombradas.

– *Vão* – instava-as eu e, por fim, com relutância, todas subiam.

– Obrrrrigado, Joan – dizia Lev com a sua voz carregada. – Estou extenuado.

Ele dizia-o e isso era *permitido*. Qualquer coisa seria permitida a Lev Bresner.

Porém, Joe nunca poderia dizer que estava extenuado; o que tinha que pudesse deixá-lo extenuado? Ao contrário de Lev, a vida poupava-o ao trauma do Holocausto; passara por isso incólume e facilmente, um rapazinho encantador a jogar às copas com a mãe e as tias em Brooklyn, enquanto Hitler marchava por outro continente. E depois, durante a guerra da Coreia, Joe alvejou-se por acidente num tornozelo com uma M-1 durante a instrução militar, passando dez dias com as enfermeiras a fazerem-lhe as vontades e a comer pudim de tapioca na enfermaria antes de o mandarem para casa.

Não, ele não podia culpar a guerra pela sua infelicidade, pelo que culpava a mãe, a mulher que nunca conheci, mas que me foi detalhadamente descrita por ele ao longo dos anos.

Uma coisa que sei acerca de Lorna Castleman é que, ao contrário das duas irmãs ou da mãe, era gorda. Quando se é muito jovem, a gordura de uma mãe pode proporcionar uma sensação de segurança, até de brio. Fica-se corado de orgulho perante a ideia de a mãe ser a maior que se conhece; é com desgosto altivo que se pensa nas mães dos amigos, esses camarões impossíveis de abraçar.

Depois, segundo Joe, transfere-se essa sensação para o pai. O pai deve ser grande e intrépido, se possível, um colosso de ombros largos que nos leva para o seu escritório, loja ou onde quer que passe os dias taciturnos e viris, que nos levanta no ar e deixa que as mulheres que também trabalham ali se derretam connosco, dando-nos rebuçados ácidos, provavelmente daqueles que ninguém gosta: *ananás*. O pai deve ser uma força da Natureza; podemos ignorar a calva brilhante e cada vez maior, os grunhidos que faz ao comer a sua dose diária de iscas fritas. Ele pode ser silencioso e reservado, mas continua a ser forte como um animal de carga e, quando a sua urina atinge a sanita faz tremer a água, e o som ecoa como um ribeiro que serpenteia maravilhosamente pelas ruas de Brooklyn.

Entretanto, de repente fica-se *horrorizado* pela mãe gorda – a mãe que é capaz de despachar um bolo de chocolate da Ebinger's na sua caixa verde com janelas – a cobertura espessa, o interior poroso e escuro como breu – em dez minutos, *sem problemas*, sem sentir a menor vergonha. Sente-se repulsa pela mãe com quem se costumava passear pelo bairro; ela estava

sempre maquilhada, perfumada e era grande mas nobre: um sofá que andava.

Antes, amávamo-la loucamente, queríamos casar com ela, tentávamos perceber se isso seria ou não tecnicamente possível e, se *fosse* possível um dia estarmos a seu lado a pôr-lhe um anel no dedo, perguntávamo-nos se alguma vez seríamos dignos dela. Lorna, a mãe, com os seus vestidos com padrões florais chamativos comprados numa loja de Flatbush chamada Casa La Beauté de Roupas em Promoção para Mulheres Grandes, era tudo para nós.

Mas agora a vida é diferente. De repente, queremos que a mãe seja pequena, feita só de ossinhos delicados. Estreita, que vista o tamanho S. Que seja frágil mas linda. Porque não poderá parecer-se mais com a mãe de Manny Gumpert, uma mulher com estilo cujo corpo é pequeno e compacto como o de um colibri? Porque não pode simplesmente *desaparecer*?

Mas não desapareceu, durante muito, muito tempo. Ao longo de anos depois de o pobre Martin Castleman ter caído morto na sua sapataria, abatendo-se do seu banquinho de vinil com a perna de uma jovem entre as suas e uma caixa de sapatos bicolores nas mãos, Joe ficou com a mãe e as outras mulheres. A mãe permaneceu na sua vida até Joe ser adulto e ter casado com a primeira mulher, Carol, e só então, durante o copo-d'água, desapareceu de facto. Foi um ataque cardíaco que surgiu vindo do nada, tal como o do marido, deixando o recém-casado Joe órfão e perfeitamente ciente da bomba defeituosa que tinha herdado. A morte da mãe tinha sido muito perturbante, dizia Joe, embora não tão traumática quanto a do pai.

Mas tenho de admitir aqui que, quando me contou esta história, a primeira coisa horrível que pensei foi: *belo material*.

Imaginei a grande mãe afogueada, bem-disposta; as tias com os seus vestidos elegantes e carteiras pequenas, os empregados a circularem com bandejas de sorvete de mil cores em taças de prata geladas; até ouvi os acordes de uma sinuosa música *klezmer* a tocar enquanto ele e a noiva, Carol, dançavam.

– Há uma coisa que não consigo entender – disse-lhe uma vez, nos primeiros tempos do nosso próprio casamento. – Porque foi que *casaste* com a Carol, afinal?

– Porque era o que se *fazia* – respondeu ele.

O problema era que – ou, pelo menos, seria esse o problema que Joe determinaria – Carol era louca. Passível de ser internada num manicómio e tudo, uma lunática a sério. Pode dizer-se isto acerca da primeira mulher de qualquer homem e os outros presentes acenarão vigorosamente com a cabeça; compreendem perfeitamente o que está a ser dito. Todas as primeiras mulheres são loucas – a ponto de serem violentas e de revirarem os olhos. Contorcem-se, gemem, desatam a arder e desfazem-se, decompõem-se diante dos nossos próprios olhos. Provavelmente, dizia Joe, Carol já era louca quando ele a conheceu num café vazio às duas da manhã, um desses sítios como o retratado em *Falcões da Noite*, de Hopper, onde toda a gente que se debruça sobre o balcão acabado de limpar parece poder ter uma trágica história de vida para contar a quem cometer o erro de aceitar ouvi-la.

Mas Joe ainda não tinha percebido isso acerca de Carol. Tinha voltado da instrução militar e do ferimento accidental que se autoinfligira. Estava sozinho e vulnerável e por isso, quando a conheceu nessa noite, deixou-se encantar pelo

peculiar apelo da mulher pueril de cabelo castanho, franja apumada e pés que nem sequer chegavam ao chão. Nas suas mãos de boneca, tinha um livro grosso: *Obras Completas de Simone Weil*. Na verdade, eram os *Écrits* de Simone Weil, no original francês. Ele ficou imediatamente impressionado e serviu-se da única curiosidade obscura que sabia a respeito de Simone Weil – talvez fosse apócrifa, mas um colega de faculdade tinha-lhe jurado que era verdade.

– Sabia – disse ele àquela rapariga, Carol Welchak, que por acaso se encontrava sentada no banco ao lado do seu –, que a Simone Weil tinha medo de fruta?

Ela lançou-lhe um olhar desconfiado.

– Oh, pois, *está bem*.

– Não, não, é verdade – insistiu Joe. – Juro por Deus. Simone Weil tinha medo de fruta. Acho que se pode dizer que era frutofóbica.

Começaram os dois a rir e a rapariga pegou numa rodela de laranja que tinha ficado ignorada na beira do seu prato de panquecas.

– Anda cá, Simone, *ma chérie* – disse ela com sotaque francês. – Anda provar a minha laranja deliciosa!

Joe ficou encantado. Que achado! Ao que parecia, o mundo estava cheio de jovens assim, cada uma delas a apurar no seu próprio guisado, todas à espera de serem saboreadas pelos homens que passassem, lhes levantassem a tampa e as cheirassem.

– Então, o que está aqui a fazer sozinha a meio da noite? – perguntou-lhe.

Do outro lado de Joe, um estivador coçou o pescoço irritado, levando Joe a encolher-se e a tentar aproximar-se um

pouco mais da rapariga, coisa que obviamente não podia fazer, pois o banco estava aparafusado ao linóleo.

– Estou a fugir à minha companheira de quarto – confessou Carol. – É harpista e passa a noite a ensaiar. Às vezes acordo de madrugada e chego a pensar que morri e que há anjos a dar às asas e a tocar música aos pés da minha cama.

– Deve ser gratificante – comentou Joe. – Pensar que o céu *existe* e que nos deixam entrar lá.

– Acredite em mim – replicou Carol –, senti-me bem mais grata no dia em que me deixaram entrar na Sarah Lawrence.

– Ah, uma aluna da Sarah Lawrence – disse ele, satisfeito, concluindo então que ela era uma jovem altamente criativa, com as mãos húmidas tanto por causa da tinta acrílica de uma aula de pintura como de ambrosia de algum ritual noturno para celebrar o solstício de inverno. Também imaginou que seria como uma daquelas acrobatas sexuais da Mongólia acerca das quais tinha lido, que daria piruetas no ar até aterrar direta e milagrosamente no eixo que era o seu pénis: *tcharã!*

– Bem, estudei na Sarah Lawrence – esclareceu ela. – Já terminei o curso. Então, diga-me, quem quer que seja – prosseguiu –, o que é que *o* traz aqui a meio da noite.

Era evidente que ela ainda não tinha percebido, ainda não sabia que homens como Joe – homens ousados que adoravam o verso livre das suas próprias vozes e o brilho difuso dos seus reflexos nos sapatos que tinham calçados – iam a cafés vazios a meio da noite simplesmente porque podiam fazê-lo. E a cidade de Nova Iorque, naquele momento em particular, em 1953, era um sítio espetacular para se dar uma volta a meio da noite caso se fosse um homem jovem, ambicioso e confiante. A cidade era feita de letreiros de néon, pontes iluminadas